

A verdadeira história da batalha de Flandres

Tradução pelo Capitão CANDAL FONSECA

(Artigo da revista LIFE de 25 de Novembro de 1940)

1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Quando o Exército alemão esmagou a Holanda, a Bélgica e a França em seis semanas, a “guerra relâmpago” pareceu coisa completamente nova e uma maravilhosa forma de fazer a guerra. Mas não foi senão uma moderna aplicação de seculares princípios militares.

Agora, passados alguns meses, é possível analisar, clara e objetivamente, essas brilhantes operações. O relato abaixo é baseado em relatórios secretos de fontes militares européas.

Após a 1.^a guerra mundial, os aliados cometeram o grave erro de julgarem que a guerra de estabilização, com os adversários instalados atrás de linhas fortificadas, era a forma normal de guerra. E assim não aconteceu. A 1.^a guerra mundial foi caso especial e sui-generis, consequência da superioridade, momentânea e temporária, das armas automáticas e do fogo sobre a capacidade de movimento das tropas de terra.

O general alemão Staff nunca abandonou a crença de que uma guerra só poderia ser vitoriosa por meio de uma ofensiva e que não existiriam organizações defensivas invulneráveis, uma vez que métodos apropriados fossem usados.

Os franceses gastaram cerca de 15.000 contos por quilômetros na construção da linha Maginot (dos Alpes a Sedan, na fronteira belga); para a proteção do flanco N. eles dependeram, até

1936, da linha defensiva belga, que corria de Longwy a Maas tricht e daí, ao longo do Canal Alberto, até o mar, em Antuérpia.

Os belgas tinham também construído uma posição secundária, ao longo do Mosa, de Sedan a Namur e, daí, ao longo do Dyle, até Antuérpia, onde se ligava com a linha do Canal Alberto. Quando os belgas, em 1936, renunciaram à sua aliança com os aliados, para ficarem absolutamente neutros, os franceses, apressadamente, construíram a "Pequena Maginot", ao longo da fronteira belga, de Sedan ao Canal.

Antes de lançar sua ofensiva contra essas organizações defensivas, os alemães mobilizaram de 6 a 7 milhões de homens organizados em cerca de 240 divisões e mais os comandos superiores e os serviços; parecem ter lançado na ofensiva 150 divisões. Os seus adversários possuíam: os franceses 115 divisões, os ingleses 10, os belgas 16 e os holandeses 14, perfazendo um total aproximado de 160 divisões.

O plano estratégico alemão era sutil.

Em 1914, seguindo o "Plano Schlieffen", os alemães, fazendo charneira em Metz, lançaram suas maiores forças através da Bélgica, num amplo movimento.

Desta feita, os alemães deram a entender que seguiriam o mesmo plano, mas concentraram seus meios para uma rutura próxima da nova charneira, Sedan.

Inicialmente, para enganar os adversários e arrastá-los profundamente para a Bélgica, os alemães lançaram seu ataque, no Norte, contra a Holanda. Das 150 divisões disponíveis os alemães só usaram 6 ou 7 contra as 14 divisões holandesas.

2. A BATALHA DA HOLANDA

O assalto à Holanda, a mais anti-ortodoxa operação de toda a invasão, apresenta vários novos e interessantes aspectos da guerra.

Foi a primeira vez, na história, que o, agora chamado, "en-
volvimento vertical", foi empregado com sucesso.

Foi a primeira vez que a infantaria foi transportada em
viões, em quantidade suficiente para exercer uma influência
decisiva numa operação tática.

O exército holandês era bem treinado, bem comandado,
completamente equipado e tinha vontade de lutar.

Os alemães bateram esse exército em 4 dias, com forças nu-
mericamente inferiores, devido ao uso efetivo dos seguintes ele-
mentos:

- forças aéreas
- tropas paraquedistas ou infantaria do ar
- agentes no interior do país (5.^a coluna).

Os alemães forçaram 2 pontos fracos das linhas holandesas:

- um, ao Sul do rio Maas, próximo de Hertogenbosch;
- outro, entre as linhas do Peel e das fortificações belgas.

Todo o ataque alemão contra a Holanda, sendo secundário
em relação ao ataque contra a Bélgica, foi executado o mais
economicamente possível.

O caminho mais fácil era irromper ao longo da fronteira
sul da Holanda e atingir o coração do país, pelas grandes pontes
de Rotterdam, Dordrecht e Moerdijk. Para impedir que os ho-
landeses fizessem voar essas pontes, os alemães usaram tropas
paraquedistas e agentes civis (5.^a coluna); existiam cerca de
100.000 de alemães na Holanda, além dos nazistas holandeses,
todos instruídos para essas tarefas.

O ataque começou no dia 10 de Maio de 1940.

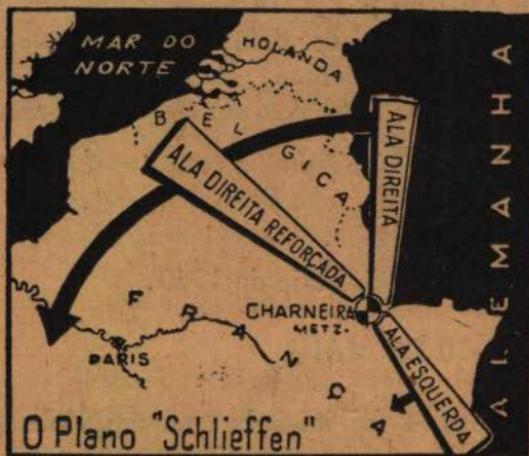
DIA 10 DE MAIO

Às 03,20 horas, a ofensiva foi iniciada com um violento
ataque alemão, pelo ar, a 72 aeródromos aliados. As forças

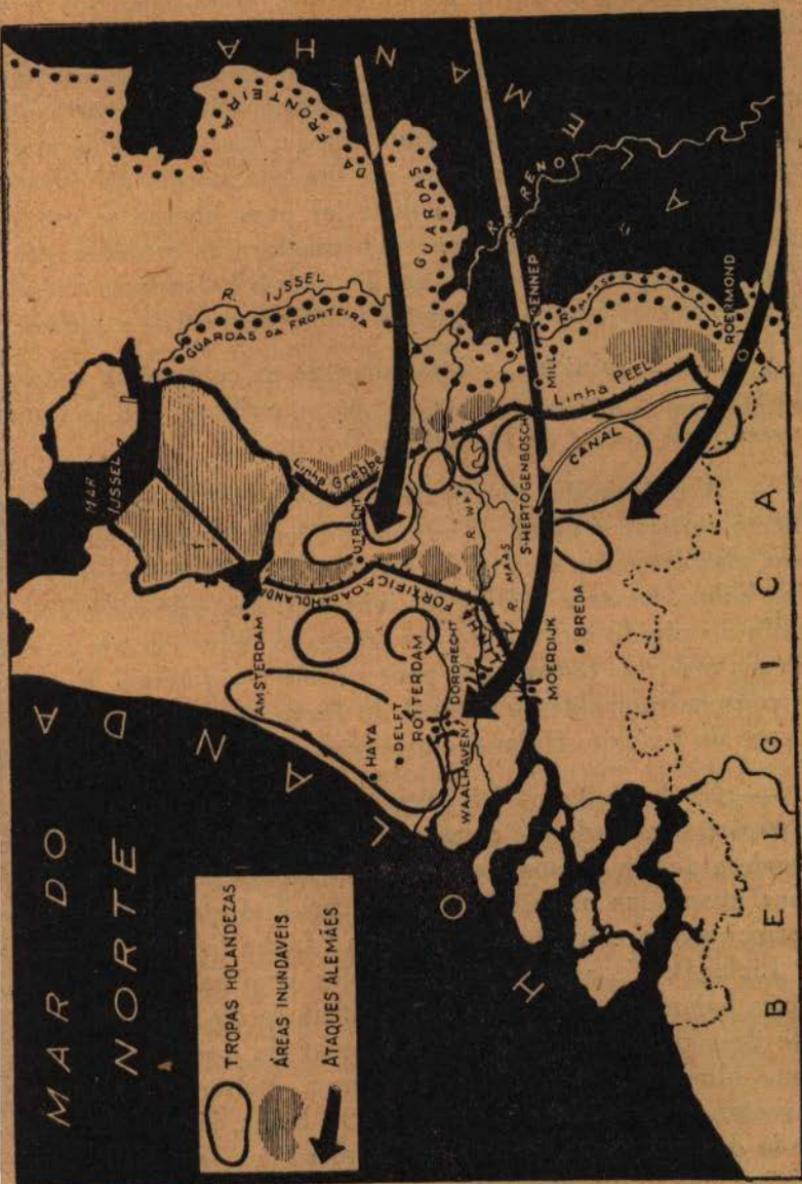
aéreas da Holanda e Bélgica foram destruídas em poucas horas, e, no fim de 3 dias, os alemães anunciaram a destruição de 90 aviões inimigos, dois terços dos quais nos próprios aeródromos.

— O “envolvimento vertical” também foi iniciado nessa ocasião. Hidroaviões alemães desceram no rio Maas, em Rotterdam, e desembarcaram tropas aligeiradas, que, em botes portáteis, se apoderaram de uma pequena ilha do rio; aí se reuniram às tropas, agentes civis armados; reunidos expulsaram os guardas, surpresos, para longe da importante ponte de Rotterdam. O acampamento de uma unidade anti-paraquedistas, situado nas proximidades, sofreu um bombardeio aéreo, morrendo a maioria da tropa holandesa. O aero-porto de Waalhaven (Rotterdam) foi cercado por bombardeiros alemães que destruíram os hangares e fizeram uma linha de crateras de bombas em torno do campo; tropas paraquedistas foram lançadas, essas tropas, utilizando as crateras das bombas como abrigos, dizimaram os defensores e removeram os obstáculos plantados na pista para evitar a descida dos aviões alemães; pouco tempo depois começaram a descer os grandes aviões de transporte alemães, desembarcando a infantaria do ar em Waalhaven.

A invasão da Holanda (10 a 14 de Maio) foi executada em 3 vassou-



radas por 6 ou 7 divisões. A seta superior mostra o golpe contra a linha avançada GRENELLE. O ataque do centro ultrapassou a ponte de GENNEP antes que os holandeses tivessem podido fazê-la saltar. A coluna do sul flanqueou a linha PEEL. Estas duas colunas lançaram-se então sobre as 3 pontes vitais tomadas pelos paraquedistas alemães com reforços trazidos por via aérea. A inundação das áreas baixas não chegou a ser feita.



— Em Haya, capital da Holanda e sede do G. Q. G. holandês foi a mesma cousa. Em Ypenburg, a 3 milhas S. E. de

Haya, entretanto, as tropas paraquedistas foram incapazes de dominar os báltavos e, quando os primeiros aviões de transporte aterraram, seus ocupantes foram ceifados pelas metralhadoras. Em Delft os aviões de transporte desceram nas principais estradas pavimentadas, desembarcando tropas; logo depois de aterrarem, eram os aviões lançados nos fossos laterais às estradas, num deliberado sacrifício de material para liberar as estradas para novos aviões; essas tropas bloquearam as estradas que se dirigem a Haya e se apoderaram dos carros holandeses que apareceram; nesses carros os alemães avançaram sobre a cidade.

— Em Waalhaven, a infantaria do ar continuava a descer e fornecer reforços para as tropas paraquedistas, que se tinham apossado das pontes de Moerdijk e Dordrecht.

— A audácia das tropas alemãs, que participaram do envolvimento vertical, é digna de admiração; em relativo pequeno número, elas desceram a cerca de 120 km. de distância de suas próprias linhas, frente a 2 Divisões inimigas; sua sobrevivência dependia do rápido movimento das tropas de terra em seu auxílio e de seu ardor na tomada das pontes sobre o rio Maas. Essa tropa conseguiu obter o control de Haya; a captura do centro nervoso do Exército Holandês provocou o colapso da resistência.

— Na fronteira as Divisões alemãs foram precedidas por numerosos bombardeiros de mergulho. Os guardas da fronteira holandesa foram postos fora de ação facilmente. À tarde as tropas avançadas alemãs estavam fazendo forte pressão sobre as principais fortificações do norte da "Linha Grebbe". No Sul, na "Linha Peel", agentes civís alemães, com uniformes de gendarmes holandeses, impediram a destruição da importante ponte de Gennepe, sobre o rio Maas. Apesar da destruição de uma coluna blindada, os alemães, com uma divisão, prosseguiram atravessando o rio Maas e, cerca das 15 horas, já se tinham apoderado das primeiras defesas da "Linha Peel" em Mill. Outra Divisão conseguiu forçar a passagem do rio Maas ao S. de Roermond. No fim da jornada a infantaria alemã tinha avançado aproximadamente 25 km. na frente da "Linha Grebbe" e ao Sul ameaçava o flanco da "linha Peel".

— Em Haya as tropas do 1.º Corpo de Exército holandês não podiam cercar a maioria das tropas alemãs, que tinham sido lançadas tão longe.

O governo holandês fez um apelo aos anglo-franceses.

DIA 11 DE MAIO

Em Haya: Pouco antes do meio-dia, 300 paraquedistas foram lançados dentro do bloco de edifícios do palácio real holandês, com a obvia intenção de capturar a família real; ao mesmo tempo um grupo de agentes civis alemães (5.ª coluna) atacou a cidade central; foi uma e meia hora de encarniçados combates de rua, durante os quais os holandeses fizeram uso de tanques pesados.

A situação tornava-se particularmente desconcertante para o General Winkelmann, comandante supremo holandês; muitas de suas unidades estavam combatendo de costas contra a parede, com as tropas inimigas por todos os lados; tropas inimigas paraquedistas aterravam a pouco mais de 1 Km dos quartéis e combates de rua eram travados, virtualmente em seus portões. Uma grande força de infantaria alemã estava em Rotterdam, a 20 Km ao norte do G. Q. G.

Os agentes alemães (5.ª coluna) telefonavam continuamente com falsas noticias para os quartéis; a verificação dessas noticias exigia tempo e tropa; a única maneira de garantir o Q. G. contra ataques aéreos seria a colocação dos agentes diplomáticos alemães, como refens, no meio da rua!

Durante o dia, uma coluna francesa (uma divisão de infantaria motorizada e uma divisão blindada) moveu-se para o norte e parou em Breda; se essa tropa tivesse sido energicamente impulsionada teria podido expulsar os alemães para longe de Rotterdam.

DIA 12 DE MAIO

O avanço alemão continua.

Na "Linha Peel" uma Paanzerdivisionen avançou 35 Km na direção de Hertogenbosch. Cerca de 10.000 infantas do ar

são lançados em Walhaven e descem com artilharia e outros materiais pesados escondidos nos porões de barcos de aparência inocente, ancorados no rio Maas; um transporte aéreo alemão derrubado continha cavalos para uso do comandante da divisão alemã de Rotterdam!

DIA 13 DE MAIO

A luta prossegue. As atividades dos agentes civis alemães (5.^a coluna) ou a falta de tempo impedem que os holandeses inundem a área fronteira à "Linha Grebbe" e os decantados diques foram de pouca utilidade para os holandeses.

As unidades blindadas alemãs penetram na "Linha Peel" em Hertogembosch e prosseguem sobre Moerdijk; estabeleceram contacto com as forças alemãs em Dordrecht aproximadamente às 16 horas. Uma vigorosa ação das forças francesas de Breda teria ameaçado o sucesso do envolvimento vertical, atacando a Panzerdivisionem no flanco; entretanto, em face dos contínuos bombardeios aéreos, tal esforço não foi feito.

O Exército holandês estava em iminente perigo de aniquilamento, dividido em 2 partes. Uma grande parte de Rotterdam fôra destruída. A Panzerdivisionem estabelecera contacto com a divisão do ar em Rotterdam. A força francesa de Breda retirara-se para o sul.

DIA 14 DE MAIO

Winkelmann rendeu-se. O Exército holandês sofreu somente 23.000 baixas; não foi derrotado em campo aberto e a maior parte estava intacta. Entretanto, ele fôra tão superado pela manobra alemã que seu aniquilamento era inevitável.